

A falsa 'explosão de demanda' e as ameaças à política econômica

Um pouco de história recente, de realidade, pode ajudar a entender o que está acontecendo — e pode ajudar a convencer os incrédulos de que grande parte da "explosão consumista" atual é inventada, e os problemas reais da economia e do "tratamento de choque" são outros. Lá vai a experiência histórica: no começo dos anos 70, a economia mundial mergulhou em um boom, uma explosão, em parte motivada por fatores reais, em parte totalmente falsa (como se iria descobrir, no entanto, somente a partir de 1975). Houve um aumento real no consumo, nos países ricos, puxando a produção industrial e a produção agrícola também nos países pobres e fazendo com que, em um processo de "bola de neve", crescessem as exportações e importações, tanto nos países pobres, com novos reflexos sobre aumento de empregos, rendas, consumo, e mais "prosperidade". Diante da excitação do "consumo", as grandes multinacionais multiplicavam investimentos em todo o mundo, com ampliação de usinas siderúrgicas, instalações petroquímicas, abertura de minas, fábricas de papel, de carros, de eletrodomésticos etc, com novas encomendas de equipamentos, mais necessidade de matérias-primas etc.. A esse crescimento econômico, em "bola de neve", somou-se um outro fator: o dólar se desvalorizou violentamente, e os especuladores das bolsas internacionais, que antes aplicavam fortunas na compra da moeda norte-americana, começaram a "comprar" matérias-primas (na verdade, a "comprar" contratos) em uma louca corrida, criando então uma "demanda falsa" por café, soja, trigo, aço, alumínio, fertilizantes, minérios etc. Como as cotações disparavam, "acreditava-se" que estava ocorrendo um desequilíbrio entre a oferta e a procura, que o mercado tinha falta (real) desses bens — e isso levava as empresas a programarem novos investimentos na montagem de usinas, fábricas, abertura de minas etc., com novos focos de "aquecimento" da economia. Essa "farrá" mundial ajudou o Brasil (e outros países em desenvolvimento) a fazer o seu "milagre", com o aumento de suas exportações e a enxurrada de projetos, de multinacionais, para produzir alumínio (Carajás), ferro (Tubarão), carne (Amazônia), soja (Cerrados), papel (em associação com a Vale do Rio Doce), petroquímica (Camaçari) etc.. A ressaca surgiu em 1974, não apenas por causa do novo choque provocado pela elevação dos preços do petróleo, mas também porque subitamente se descobriu que grande parte da



demanda que vinha sustentando o crescimento era falsa, irreal: havia imensos estoques de tudo (carne a aço) por todos os lados, e havia dezenas de fábricas novas entrando em operação sem terem, na verdade, um mercado à sua disposição. A economia mundial, a partir de 1974, enfrentou um período de recessão brutal, alimentado em grande parte pela necessidade de "desova" de estoques. Assim como "tudo" puxava a economia mundial (e brasileira) lá-debaixo, nos anos subsequentes: com estoques de matérias-primas, minérios, alimentos, os países ricos reduziram as importações que vinham fazendo dos países em desenvolvimento, ao mesmo tempo em que suas multinacionais suspendiam os investimentos programados nos anos anteriores (caso de Carajás, de Tubarão, dos projetos de papel e celulose etc.). Os países pobres, com menos dólares nas exportações (e de investimentos), também reduziram suas importações, junto aos países ricos — e a recessão mundial se alastrou.

Qual o paralelo entre 1974 e a atual situação brasileira? Antes de mais nada, a experiência mundial de 1974 deixou uma lição importantíssima: não é apenas no Brasil, mas no mundo todo, que podem ocorrer ciclos de comportamento absolutamente irracional (ou de recessão). Generalizam-se o otimismo (ou o pessimismo), a recusa em analisar os acontecimentos, os dados disponíveis de forma lógica: ninguém quer ficar "para trás", e todos adotam o comportamento da onda do momento.

É o que está acontecendo no Brasil, neste momento: há fatias do "superaquecimento", do consumismo, que são ou artificiais, ou sequer existem. Como assim? Veja-se, primeiro, o caso dos automóveis. Dizia-se que há consumidores dando sinal (de dez por cento) para comprar um carro novo em até seis revendedoras diferentes, para ver onde conseguiram obtê-lo, e cancelando, a seguir, os pedidos nas demais. Agora, já se enxerga que há pessoas que na

verdade passaram a "aplicar", investir, na compra de carros novos, para posterior revenda com lucros — o que significa que as "filas" para compra são artificiais. O fenômeno é uma consequência lógica das menores oportunidades de lucros no mercado financeiro (open), com o fim da correção monetária, que leva as pessoas a procurarem novas aplicações para seu dinheiro. Esse fenômeno — da compra "especulativa" de bens — está presente, embora não se fale nisso até agora, no mercado imobiliário, onde certamente grandes investidores estão dando um pequeno "sinal" e "comprando" vários imóveis "na planta", no lançamento, para futura revenda com lucro.

E nas demais áreas da economia? A forte demanda (real) do mês de março, pós-cruzado, levou o comércio a procurar formar estoques, fazer grandes encomendas — levando a indústria, por sua vez, a também correr atrás de matérias-primas, peças, componentes. Tudo, a gerar uma fatia fictícia, irreal, de demanda, que mais cedo ou mais tarde ficará clara.

Como reverter esse processo? Além de medidas específicas (analisadas nesta página) para casa caso, há um ponto fundamental: conter as emissões de dinheiro (descontroladas nos primeiros meses do cruzado) e conter o "rombo" do Tesouro. Com essas duas medidas, será revigorada a crença de que o combate à inflação vai ter êxito. E, sem inflação, os especuladores sabem que desaparecem as possibilidades de grandes lucros com as compras especulativas — pois não há situação de mercado que sustente altas de 40, 50, 60 por cento. Em poucas semanas, com lucros equivalentes para os especuladores, e que vêm marcando alguns mercados.

Ao hesitar em conter suas despesas e as emissões de dinheiro, o Governo está abrindo caminho para críticos, como o ex-Ministro Delfim Netto, que começam a pedir mudanças drásticas na política econômica. E elas não são necessárias — se aqueles ajustes forem feitos.

A "corrida" aos imóveis

A demanda "artificial" por imóveis, além de puxar seus preços, "puxa" também os aluguéis — provocando inflação. Ela pode ser amenizada através de duas armas. Primeira: impedir que prossigam as vendas "sem comprovação de renda", por parte do comprador. Essa prática, hoje largamente disseminada, traz um risco sério a todo o mercado, a curto prazo: muitos compradores, hoje, dão o "sim" na compra de vários imóveis, pensando em repassá-los logo mais, com lucro. Não dispõem, na verdade, de condições para prosseguir o pagamento de todos os imóveis. Se, amanhã, a revenda não for tão fácil, atrasarão pagamentos, afetando o fluxo de caixa previsto pelos construtores/vendedores. Segunda arma: teoricamente, o Sistema Financeiro da Habitação, subordinado ao BNH, não concede financiamento para a compra de um segundo ou terceiro imóvel, para quem já é devedor de outro empréstimo financeiro. Teoricamente. Porque, na prática, esses duplos ou múltiplos financiamentos ocorrem, bastando que o interessado declare, mentirosamente, que não tem outro débito junto ao BNH. É evidente que o "cruzamento" de informações, com o uso de computadores, identificando quem já é mutuário, evitaria a distorção.